

Carlos Alberto Di Franco

É jornalista

E-mail: difranco@ise.org.br

/// Não é tão simples. Não se resolve o problema do flagelo do crack no grito e no marketing. É preciso um projeto sério, articulado, sem improvisações

A lição da cracolândia

Domingo 21 de maio. Começa uma megaoperação da polícia na cracolândia. Gritaria, corre-corre, bombas de gás lacrimogêneo. Centenas de policiais fazem uma varredura na região e, ao lado de funcionários da prefeitura e de máquinas retroescavadeiras, desmantelam o cenário de morte e autodestruição humana que, vergonhosamente, convive com a cidade mais rica do país.

O prefeito João Doria gravou um vídeo para as redes sociais. Foi enfático: “A cracolândia aqui acabou, não vai voltar mais. Nem a prefeitura permitirá nem o governo do Estado. A partir de hoje, isso é passado”. Foi precipitado. Não acabou. Com a dispersão dos usuários, uma nova cracolândia surgiu a menos de 400 metros da antiga, na Praça Princesa Isabel. O tráfico e o uso de crack continuaram. Outras cracolândias brotaram, do Minhocão à Avenida Paulista. A coisa não é tão simples. Não se resolve no grito e no marketing. É preciso um projeto sério, articulado, sem improvisações.

Acredito na determinação do prefeito e do governador de São Paulo. Mas espero que façam uma autocrítica da recente operação. Reforcem os pontos positivos e retifiquem os erros cometidos. Não é

possível conviver com uma cidade assustadora: edifícios pichados, prédios invadidos, gente sofrida e abandonada, prostituição a céu aberto, zumbis afundados no crack, uma cidade sem alma e desfigurada pelas cicatrizes da ausência criminoso do poder público. Mas uma só andorinha não faz verão. É preciso uma ação articulada com todos os atores: governo, Judiciário, sociedade.

A cidade de São Paulo foi demitida por seus governantes. São Paulo, a cidade mais rica do país e um dos maiores orçamentos públicos, tem sido um retrato de corpo inteiro da ineficiência do Estado. O novo governo merece um crédito de confiança, mas esperemos que não sucumba ao ilusionismo do marketing.

A dependência química tem muitas frentes: questões sociais, humanitárias, de saúde, combate ao crime, fortalecimento das entidades de recuperação de adictos, batalhas jurídicas e enfrentamento dos dogmas ideológicos. Basta pensar, amigo leitor, na gritaria contra as internações compulsórias. Sem decisão livre, por óbvio, não há recuperação consistente. O dependente precisa querer. Mas para exercer a liberdade é preciso ter um mínimo de capacidade de discernimento. A internação compulsória, não indiscriminada e feita com aval psiquiátrico, pode representar a ruptura das algemas que aprisionam o dependente num círculo infernal.

São Paulo e o Brasil precisam encarar a realidade. A operação na cracolândia, desmantelando um espaço cruel e vergonhoso, teve o mérito de abrir o debate.